

A REPRESENTAÇÃO
DA INFÂNCIA NO
TEXTO LITERÁRIO



Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Elia Yunes
Eliane Galvão
Gilda Carvalho
(organizadoras)

A REPRESENTAÇÃO
DA INFÂNCIA NO
TEXTO LITERÁRIO

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Representação da infância no texto literário / Eliana Yunes, Eliane Galvão, Gilda Carvalho (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

ISBN 978-65-86089-92-9

1. Educação 2. Lembranças da infância 3. Literatura brasileira
4. Narrativas I. Yunes, Eliana. II. Galvão, Eliane. III. Carvalho, Gilda.

21-92693

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Infância : Educação : Filosofia 370.1

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final: dos autores
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

Apoio institucional
para a publicação
Cátedra/Unesco

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Prefácio	
AS MUITAS INFÂNCIAS E SUAS FACES DIVERSAS	7
<i>José Hélder Pinheiro Alves</i>	
DE QUE INFÂNCIA ESTAMOS FALANDO?	13
<i>Eliana Yunes</i>	
REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA EM A CASA DA MADRINHA, DE LYGIA BOJUNGA, E COMANDANTE HUSSI, DE JORGE ARAÚJO	31
<i>Diana Navas e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira</i>	
A INFÂNCIA E SUAS PERDAS: VOVÔ VAI PARA AS ESTRELAS	55
<i>Thiago Alves Valente</i>	
SEJA ESPERTA, SEJA CORAJOSA, SEJA ASTUTA: DEVANEIO E LITERATURA INFANTIL EM CORALINE, DE NEIL GAIMAN	69
<i>Guilherme Magri da Rocha e Cleide Antonia Rapucci</i>	
A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA: UMA ANÁLISE DO LIVRO EXTRAORDINÁRIO, DE R. J. PALACIO.	91
<i>Alcioni Galdino Vieira e Alice Atsuko Matsuda</i>	

CONTAR E RECONTAR: O LIVRO ILUSTRADO DE JEAN-CLAUDE ALPHEN	109
<i>Alice Áurea Penteador Martha</i>	
A PERSONAGEM CRIANÇA E SUAS NUANCES EM TERRA COSTURADA COM ÁGUA	125
<i>Rosa Maria Cuba Riche</i>	
EMPRESTA-ME TEUS OLHOS PARA VER O MUNDO: INFÂNCIA E VELHICE DE MÃOS ATADAS NA OBRA FICCIONAL DE SÉRGIO CAPPARELLI	141
<i>Karina de Oliveira e Silvana Augusta Barbosa Carrijo</i>	
A (RE)APRESENTAÇÃO DE UMA (NÃO)INFÂNCIA DE CARNE E OSSO NOS CONTOS POPULARES	165
<i>Eliane Debus e José Carlos dos Santos Debus</i>	
ENTRE BICHOS E BRINCADEIRAS: O IMAGINÁRIO INFANTIL NA POESIA PARA CRIANÇAS DE MARTA COCCO	179
<i>Rosana Rodrigues da Silva e Sinara Dal Magro</i>	
LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DO LEITOR ADULTO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE LEITURA E TRABALHO	197
<i>Gilda Carvalho</i>	
SOBRE OS AUTORES.	215

Prefácio

AS MUITAS INFÂNCIAS E SUAS FACES DIVERSAS

José Helder Pinheiro Alves

Falar de infância é tarefa árdua, cheia de desvãos, de nuances. Por isto, prefiro partir da minha própria experiência. A criança que fui, há mais de cinquenta anos, na zona rural do estado do Ceará, é diversa da infância de meus mais de vinte sobrinhos e sobrinhas que, por sua vez, diferem da de meu filho de nove anos. O único instrumento tecnológico moderno a que tínhamos acesso na infância era o rádio na casa de meu avô e, bem depois, na minha casa. E, embora alfabetizado, pela minha mãe, não tínhamos livros, mas tínhamos literatura oral – narrativas de assombração, versos os mais diversos – desde histórias mais longas a sextilhas e quadras avulsas (embora nem soubesse o que era uma sextilha ou uma quadra).

Tínhamos animais domésticos, como: cachorro, gato, jumentos, cabras. E fora do ambiente doméstico: o timbu que vinha comer os pintos, os gaviões sempre cercando uma galinha com pintinhos e, vez ou outra, cobras – que até hoje me assustam. Mas tínhamos as rezas para nos proteger das cobras... E eu ia correndo pelo mato e rezando: “São bento, água benta;/ Jesus Cristo no altar;/ afastai todas as cobras/ para eu poder passar.” E o medo ia embora... Tinha também o aprendizado com os mais velhos: não mexa com a

cobra, ela só solta o bote se for ameaçada. E tantos outros animais: a raposa, o guaxinim – que nunca vi; os preás caídos nos fojos – que eu morria de pena; os punarés presos nos quixós, entre as pedras do serrote próximo. Não tínhamos gado, era mais caro. Cavalos, poucas vezes. Mas tínhamos jumentos que aguentavam muito trabalho: botar água, carregar milho e muitas outras tarefas. Adorava e adoro os jumentinhos. E a passarada nas madrugadas ainda é para mim essencial. Pelo menos uma vez por ano preciso voltar à roça, entre março e junho para, na madrugada, ouvir o canto dos pássaros.

Esse mundo rural, quando a noite chegava, se enchia de mistério. Lobisomens, almas penadas, dentre outras personagens. Ah, como eu tinha medo de almas... Um banho no riacho, no tempo das chuvas, não tem coisa melhor. Um banho de chuva – nas primeiras chuvas, misturado ao cheiro da terra, é uma experiência que ainda me emociona. Mas nem tudo eram flores. Moer o milho para o cuscuz não era mole. Botar água com canecas grandes dispndia uma força que talvez não fosse condizente com o nosso tamanho. Já de apanhar algodão eu gostava, embora não aguentasse muito tempo. E crianças mais pobres tinham que trabalhar duro na roça – capinar, tarefa pesada. Debulhar o feijão verde à noite ainda me envolve. Levar surra por qualquer besteira era doloroso. Vivi pouco estas experiências, mas os irmãos mais velhos sofreram bastante. E alguns guardam marcas até hoje.

Pois bem, nada disto – ou quase nada do que vivi na minha infância no mundo rural – dispõe meu filho ou dispuseram parte de meus sobrinhos. E não quero dizer que “meu tempo” era melhor. Não, quero dizer que é diferente. Bastante diferente. Mas posso afirmar que o distanciamento da natureza que a vida na cidade propicia traz grande perda, no caso de *experiências* que as crianças não vão ter. Ou poderão ter via literatura?

Podemos guardar, teoricamente, alguns caracteres gerais da infância, mas tenho sempre a percepção de que cada época e cada contexto traz elementos que não permitem falar de homogeneidade. Por outro lado, convivendo com crianças ao longo de quarenta anos

de magistério – como professor, como tio, com filhos e filhas de amigos e amigas – arrisco afirmar que, apesar de todas as mudanças, algumas marcas permanecem. O gosto pela brincadeira – correr, pular corda, se esconder, fantasiar-se dos mais diversos modos – como projetar-se nos super-heróis, imaginar situações adversas e superá-las, e tantas formas a mais. Dar e tomar susto, tudo isto ainda permanece se houver crianças com quem partilhar ou algum mediador interessado em “perder tempo” com elas. E nem falei de jogar bola. Isto, jogar bola, não necessariamente futebol. Jogar, correr atrás da bola, brincar com ela. O gosto pelo lúdico parece que ainda não morreu. E o ludismo também com palavras – trocadilhos, adivinhas, sonoridades diversas. Tudo isto permanece – ou pode permanecer, repito, se houver alguém interessado em dar mais do que um brinquedo caro à criança.

E entramos aqui neste livro que tenho a honra de prefaciar e, ao mesmo tempo, medo e perplexidade. Não conheci a literatura infantil dos livros na infância. Li Lobato no início do curso de Letras. E fui ampliando as descobertas: Bojunga, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, João Carlos Marinho e tantos outros, afora o universo da poesia infantil. Depois, me tornei professor de literatura e de literatura infantil e juvenil. E fui descobrindo todo um mundo de representação da infância que não vivi. Talvez, a literatura infantil possa ofertar às crianças vivências da infância que elas nunca tiveram e possam, assim, transformar em *experiência* algo que não experimentaram.

Este livro traz uma grande diversidade de representações da infância. Mas o que dá coerência aos artigos, ao meu ver, é a abordagem que nasce do enfrentamento do texto, das situações representadas, das vivências das personagens, dos discursos que se apresentam via narradores, dentre outros elementos que compõem a narrativa – predominam análises de narrativas. Portanto, não há uma teoria que guie cada leitor, embora, nalguns casos, as referências sejam próximas. Parece-nos que as autoras e autores estão cientes de que “a concepção de infância remete a uma construção histórica”

e que, portanto, “os próprios conceitos (todos eles) são também historicamente produzidos, marcado pelo contexto que lhes vê nascer e constantemente posto em xeque pelas épocas vindouras e as novas exigências por elas desencadeadas” (Pereira 2002, p. 155).¹

A infância do menino que precisa trabalhar nas ruas do Rio de Janeiro para sobreviver e que sonha com outro mundo – uma casa da madrinha – no belo e inquietante livro de Lígia Bojunga Nunes, *A casa da madrinha*. A obra infantil desta escritora é um poço de representação das inquietações da infância, com a presença de animais falantes, de formas diversas de enfrentamento da dor, da fome, da opressão familiar. Mas tem também aqui criança que vive a terrível situação da guerra, como o menino – e sua bicicleta – em *O comandante Hussi*, de Jorge Araújo. As referidas obras recebem uma significativa abordagem comparativa por Diana Navas e Eliane Ap. Galvão R. Ferreira. A vivência da morte por crianças – no caso, dos avós –, como em *Vovô vai para as estrelas*, de Luiz Antônio Aguiar, abordado por Thiago Alves Valente; e *Vovô fugiu de casa*, de Sérgio Caparelli, analisado por Karina de Oliveira e Silvana A. B. Carrijo, trazem uma reflexão sempre atual e necessária. Nestes dois casos, enfatiza-se o modo peculiar como cada família aborda a dolorosa questão da perda – que nos tempos de pandemia tornou-se mais flagrante entre nós.

Temos também a infância dolorosa de determinados contos populares – sem fada madrinha que suspenda a dor e a fome – em que o abandono, a fome assola a todos, abordado por Eliane Debus e José C. dos S. Debus. A retomada de contos tão antigos dá conta de que sofrimentos da infância permanecem secularmente entre nós. Mas também temos a dor nascida da convivência entre crianças, como em *Terra costurada com água*, de Lúcia Hiratsuka, em que a decepção abre caminho para formas diferenciadas de construção artística, presente na análise de Rosa M. C. Riche. A

1. In: Gondra, José Gonçalves (org.) *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

infância com deficiência física é outra modalidade trazida na análise de *Extraordinário*, obra de R. J. Palacio, abrindo portas para abordagens que fogem do pragmatismo, conforme a perspectiva também comparatista adotada por Guilherme M. da Rocha e Cleide A. Rapucci.

Dois artigos fogem do âmbito da narrativa: um volta-se para a poesia e outro para o livro ilustrado. A apresentação da poesia de Marta Cocco, por Rosana R. da Silva e Sanara Del Magro, destaca a aproximação da criança do mundo animal, numa perspectiva marcada às vezes pelo *nonsense*, pelo encantamento com imagens visuais e sonoras. Quanto à discussão do livro ilustrado, Alice A. P. Martha parte da obra de Jean-Claude Alphen – autor e ilustrador – para mostrar a força expressiva de projeto gráfico, paratextos, do diálogo entre texto e imagem que confere às obras uma significação de destaque. Por fim, Gilda Carvalho apresenta uma significativa experiência de formação de leitores adultos na PUC–Rio partindo de obras literárias classificadas como infantis. Destaque-se uma obra como *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Men Fox, pode acordar vivências e chamar a atenção para o modo como a sociedade de consumo encaminha o modo de convivência com os mais velhos.

Por último, destaco o ensaio que inicia o livro, de uma de nossas maiores pesquisadoras no âmbito da leitura literária e da literatura infantil em geral, Eliana Yunes. Trata-se de um texto de caráter teórico em que discute o conceito de *mimese*, a partir de Aristóteles, passando por leitores fundamentais como Auerbach e o nosso Luís Costa Lima e chegando a Paul Ricoeur. O tópico final do ensaio discute a noção de infância a partir do comentário de algumas obras e conclui afirmando que

podemos começar a elaborar uma compreensão do infantil mais inclusiva no mundo da arte e uma recepção mais abrangente para os textos cuja extensão parecia destiná-los unicamente a crianças e adolescentes. (Yunes 2021, p.27, nesta obra)

O ponto de chegada da pesquisadora nos dá uma chave para fecharmos nossos comentários sobre a obra: a literatura infantil e juvenil nos oferece um material de grande valor estético e humano, não se destinando apenas a uma faixa etária da vida. É esse valor que permite incursões críticas tão significativas como as que vão nesta obra. Portanto, é urgente estimular a leitura de obras literárias no espaço escolar – e de tantos outros –, mas também incentivar a pesquisa, a atividade crítica. Podemos, pontualmente, discordar de determinadas leituras ou de certas afirmações, mas elas nos instigam a refletir, a rever pontos de vista, enfim, a não nos acomodarmos.

Campina Grande, setembro de 2021